# O SER DOS ENTES QUE VÊM AO ENCONTRO NO MUNDO CIRCUNDANTE; UMA ANÁLISE DO PARÁGRAFO 15 DE SER E TEMPO DE MARTIN HEIDEGGER

*Jupyra Vilela Barreto (Grupo PET - Filosofia)*
*Orientadora: Glória Maria Ferreira Ribeiro (Tutora do Grupo PET - Filosofia)*
*Agência Financiadora: MEC/SESU/DEPEM*

**Resumo:** O presente trabalho pretende fazer uma análise do parágrafo 15 da obra "Ser e Tempo" (1927) de Martin Heidegger. Tal parágrafo tem por objetivo apresentar o caminho de acesso para a compreensão do fenômeno da *mundanidade do mundo* - condição de possibilidade do fenômeno do mundo em geral. Tal caminho se apresenta através da análise do ser dos entes que vêm ao encontro no mundo circundante.
**Palavras-Chave:** Ocupação, Manualidade, Circunvisão.

O presente trabalho pretende fazer uma análise do parágrafo 15 da obra "Ser e Tempo" (1927) de Martin Heidegger. Tal parágrafo tem por objetivo apresentar o caminho de acesso para a compreensão do fenômeno da *mundanidade do mundo*, condição de possibilidade do fenômeno do mundo em geral. Tal caminho se apresenta através da análise do ser dos entes que vêm ao encontro no mundo circundante. Ou seja, sendo a mundanidade um existencial (estrutura constitutiva de ser) do *Dasein*, a análise deste fenômeno deve dar-se junto ao próprio acontecer do *Dasein* em seu âmbito fenomenal mais próximo. Âmbito que se dá junto ao ser-no-mundo cotidiano, que se traduz no modo de o *Dasein* lidar junto aos entes, isto é, em sua ocupação (*Besorgen*) junto aos entes. Tal pesquisa se justifica na medida em que tentaremos demonstrar como Heidegger compreende este encontro dos entes junto à ocupação e como este encontro se revela como um fio condutor para a mundanidade do mundo.

Inicialmente, faz-se necessário uma breve explanação da principal questão tratada na obra. Para Heidegger, a questão do *ser* e do ente não são iguais. A determinação do ente (entendido como tudo aquilo que é) não pode ser aplicada ao *ser*, visto que o *ser* é anterior a qualquer determinação. Sendo assim, é a partir do *ser* que o ente ganha a sua possibilidade de determinação. Visto que a tradição metafísica em geral questionou apenas acerca do ente, Heidegger propõe uma recolocação da questão sobre o sentido do ser. Tal recolocação tem em vista superar os preconceitos adquiridos pela tradição (o ser como conceito mais universal, como conceito indefinível e como conceito evidente por si mesmo). Diferentemente do que foi colocado pela tradição metafísica, tais preconceitos não negam, e sim, ratificam a necessidade de um questionamento acerca do ser. Deste modo, Heidegger pretende recolocar a

questão sobre o sentido do ser de forma a fazer um retorno da filosofia para seus fundamentos primeiros. Como já foi dito, não podemos pretender dizer *o ser é*, ou seja, não podemos substancializá-lo, pois quando o fazemos nos detemos na sua determinação. Segundo Heidegger, "Ser é sempre ser de um ente" (HEIDEGGER, 1927, p.44) e, portanto, só teremos acesso ao ser a partir dos entes em sua determinação. Desta forma, a compreensão do sentido do ser se dará a partir da análise de um determinado ente. O ente eleito por Heidegger para o questionamento acerca do sentido do *ser* é o *Dasein*.

Mas o que é o *Dasein*? E por que ele foi eleito como via de acesso à questão do ser? Heidegger diz que o *Dasein* refere-se ao ente que nós mesmos somos e cujo *ser* é cada vez meu. Contudo, a partir desta afirmação, o autor não alega que temos posse do *Dasein*. Pelo contrário, somos *Dasein* na medida em que somos projetados no ser, lançados nas possibilidades de ser a cada instante, cabendo somente a nós a tarefa de atualizar a cada momento este ser do qual não temos posse. Ou seja, o *Dasein* é o ente cuja essência (ser) coincide com a existência, de forma que é nesta que seu ser se realiza. Assim, é próprio do *Dasein* ter de ser.

> *A "essência" da presença (Dasein) está em sua existência*. As características que se podem extrair deste ente não são, portanto, "propriedades" simplesmente dadas de um ente simplesmente dado que possui esta ou aquela "configuração". As características constitutivas da presença são sempre modos possíveis de ser e somente isso (IDEM, p. 85).

Resta ainda a segunda questão: por que a escolha de tal ente? A escolha se dá em função de seu privilégio ôntico – ontológico frente aos demais entes. Privilégio que advém do fato de o *Dasein* se relacionar com seu ser no ato de ser. Ou seja, ele é o único ente que ao ser tem seu próprio ser significado e relaciona-se consigo mesmo e com os demais entes. Deste modo, para realizar a recolocação da questão sobre o sentido do ser, Heidegger pretende uma analítica existencial do *Dasein*, que trata da análise dos modos fundamentais (caracteres ontológicos) de ser deste ente privilegiado em sua lida cotidiana.

A partir desta introdução, Heidegger propõe, no segundo capítulo de "Ser e Tempo", uma análise geral da constituição mais fundamental do *Dasein*, qual seja, o ser-no-mundo. Tal expressão indica o fato de que o *Dasein* sempre *é* num mundo, e esta será utilizada como o início para a analítica do *ser* que é *sempre meu*.

Neste momento nos vem a seguinte questão: o que significa ser-no-mundo? Antes de pretendermos responder tal questão, devemos salientar que o ser-no-mundo, por ser a estrutura fundamental do *Dasein* (existencial sempre num movimento de lançar-se), não deve ser tratado como um conceito previamente cristalizado. Entretanto, com a finalidade de tornar claro este existencial, Heidegger propõe e utiliza uma divisão estrutural do ser-no-mundo. Tal divisão se dá sempre se tendo em vista que todos os momentos estruturais fazem parte de um todo e estes momentos sempre ocorrem em uma mesma unidade e, sempre que se toma um destes momentos se toma no mesmo instante e igualmente os demais. Heidegger os divide como: "em um mundo"; o ente que "é" no mundo; e o "ser-em" como tal. Heidegger inicia sua análise do existencial ser-no-mundo a partir do seu momento estrutural "ser-em". Tal escolha se dá visto que sempre se "*é*" "*em* um mundo". Podemos concluir que é através do "ser-em" que se articulam todos os demais momentos estruturais do "ser-no-mundo". Optaremos por caracterizar brevemente o ser-em para lançar as bases sobre as quais o ser-no-mundo se estrutura, de modo que uma análise mais profunda sobre o ser-em será realizada no capítulo 5 de "Ser e Tempo".

Na caracterização do "ser-em", Heidegger observa que não devemos compreender tal estrutura como indicando um "estar dentro de" numa relação espacial na qual o *Dasein* estaria lançado. Se isto ocorresse seria necessário que tanto o *Dasein* como os demais entes estejam dentro de um mundo já dado, determinados a partir de uma relação pré-existente. Pelo contrário, por se tratar de um caractere ontológico do *Dasein*, e visto que a única característica que pode ser atribuída a este é o de ter de ser, "ser-em" diz sobre a própria existência (essência) do *Dasein*, que sempre ocorre junto a um mundo.

O filósofo salienta que a ocorrência do *Dasein* junto a um mundo, ocorrência esta evidenciada pelo "ser-em", não indica uma justaposição de entes dados. Este ser "junto à", só é possível para o ente com o caráter de *Dasein*, uma vez que somente este tem como característica primordial o constante projetar-se junto ao ser. Os demais entes não se relacionam propriamente em sentido rigoroso, pois não "são" para fora de si mesmos, não se projetam, sendo, portanto, destituídos de mundo. Quando dizemos "destituídos de mundo" não afirmamos que tais entes não ocorram "no mundo", mas sim, fazemos referência ao fato de que os seres simplesmente dados (modo de ser dos demais entes quando substantivados) não se relacionam entre si por

não possuírem a característica de se lançarem no ser. Neste sentido, podemos afirmar que só o *Dasein* possui mundo.

Entretanto, apesar do fato de o *Dasein* possuir mundo, como foi dito anteriormente, não significa que este ente que nós mesmos somos e que *é sempre meu* é destituído de "espacialidade". Esta só ganha sentido a partir do projetar-se do *Dasein*, compreendendo-se como sendo-em-um-mundo, que torna viável seu "ser no espaço". Assim, sendo sempre "em um mundo", o *Dasein*, tem sua lida cotidiana estruturada *no mundo* e com os entes intramundanos. Esta lida, por sua vez, se dá a partir da sua ocupação (*Besorgen*) com estes entes. A ocupação se dá partir da teia de relações entre o Dasein e os demais entes. Na ocupação o *Dasein* está sempre na disposição da ação. Heidegger ressalta que ocupação não é uma postura prática que o *Dasein* pode assumir ou não. Pelo contrário, a ocupação é um modo de ser estrutural do *Dasein*. É a partir destas relações que podemos iniciar a analítica do ser dos entes que vem ao encontro do mundo circundante (aquele que abrange e abarca os entes em sua totalidade).

Numa explicação do ser temos este como algo que somente pode ser apreendido na sua determinação, e esta se dá somente a partir do ente. Ou seja, o ser só vem a nós pelo ente. Este, por sua vez, ganha sua determinação a partir da ocupação do *Dasein*. Afirmamos isso, uma vez que é no ocupar-se que o *Dasein* "descobre" os entes que lhe vêm ao encontro. Portanto, é somente na lida cotidiana do Dasein com o ente que o mesmo se apresentará. Isto quer dizer que na ação de ser do Dasein sempre teremos concomitantemente o ente nesta tematização. Tal ente é o que se mostra na ocupação do Dasein no mundo circundante.

Segue então a questão: qual é este ente com o qual se lida na ocupação? Segundo Heidegger, a resposta comum seria: as coisas. No entanto, este caráter de "coisa" não nos é de forma alguma claro. Heidegger comenta em "Ser e Tempo" que na Grécia antiga havia um termo para designar as coisas. Tal termo empregado era a "práxis", que significa aquilo com o que se lida. Porém, ao se traduzir tal termo no decorrer da história, seu sentido originário se desconfigura e se apresenta como algo substantivado, contrariando o sentido de movimento, de dinâmica da ocupação. Para garantir este sentido de movimento Heidegger faz uma correspondência com o termo grego designando o ente que vem ao encontro na ocupação como *instrumento*.

A rigor, o instrumento nunca "é". Com tal afirmação queremos dizer que o instrumento ganha sua determinação quando se apresenta na relação com o Dasein como "*algo para...*". Neste "*algo para...*" devemos pressupor uma teia relacional com outros instrumentos, constituindo um todo relacional a partir do qual o instrumento ganhará sua determinação. Podemos explicar melhor tal afirmação a partir do exemplo: o ente caneta somente será um instrumento de escrita se houver concomitantemente nesta relação a mão que escreve, o papel para escrever, bem como a mesa, luz, móvel, janelas, portas, quarto. Ou seja, temos somente a disponibilidade de uso da caneta na sua relação com o todo e não isoladamente. Nesta relação com o *Dasein* e na totalidade - e multiplicidade – das possibilidades do instrumento se apresentar na ocupação como "*algo para...*" é que ele ganha sua determinação como *ser-para* (*Um-zu*).

É a partir do *ser-para* do instrumento e da obra (para que a ocupação se destina) que se tem a possibilidade do *Dasein* se ocupar dele. Como já foi dito, é somente no lidar-se da ocupação que o instrumento ganha seu ser. Neste lidar a ocupação se subordina ao *ser-para* do respectivo ao instrumento. Quer dizer, só podemos nos ocupar com o instrumento quando há previamente a determinação do seu *ser-para* e da obra a ser produzida. Tal determinação se dá a partir das possibilidades e da necessidade que se tem deste *ser-para*. Neste modo de lidar com o instrumento é que podemos captar seu modo de ser. Ao se fazer o uso do instrumento, não nos atemos em sua constituição como ente, caso isto ocorresse, deixaríamos de nos relacionar com o instrumento "*para algo...*" e começaríamos a refletir acerca do instrumento em questão. Heidegger exemplifica dizendo que quanto menos se fixar na coisa martelo, ao se martelar, mais originário se torna o relacionamento com ele. Podemos dizer que nesta relação mais originária com o instrumento é que se descobre o seu *ser-para,* o seu "manuseio", específico. Quando este objeto se descobre, se revelando como instrumento em seu uso e manuseio, temos o seu modo de ser originário, qual seja, a *manualidade* (*Zuhandenheit*).

A manualidade se descobre como vimos, num todo referencial. Tal descoberta é feita pela visão prática da ocupação, que Heidegger denomina de *circunvisão*. A *circunvisão* permite a visualização do instrumento em seu todo instrumental e em sua manualidade, conferindo ao instrumento o direcionamento para a descoberta do seu *ser-para*. Isto não quer dizer que a circunvisão visa primordialmente o manual em seu uso. A partir da circunvisão temos o todo relacional no qual o manual se apresenta em

sua determinação, mas também temos - primordialmente - a obra que desejamos produzir a partir do manual.

A obra a ser produzida, quando concluída, tem seu "*para que"* (Wozu) a partir do instrumento utilizado na sua produção. Este, por sua vez, também é uma obra produzida a partir de um instrumento com seu *"ser-para"* direcionado à sua produção. Com isso queremos dizer que a obra somente é descoberta no seu uso. Voltamos ao exemplo da caneta: o ente caneta somente será um instrumento de escrita (obra) se houver concomitantemente nesta relação a mão que escreve, o papel para escrever, bem como a mesa, luz, móvel, janelas, portas, quarto. Ou seja: na produção da obra esta primordialmente se apresenta num todo relacional que constitui o horizonte da conclusão da sua produção.

Podemos também afirmar que a obra produzida, além de carregar consigo as referências de seu *para que* e dos materiais com os quais ela foi produzida, traz à tona o todo referencial do modo de ser de quem a produz e manuseia. Além disso, a partir da obra a ser produzida, Heidegger concebe a "descoberta" do ente "natureza", contrariando o conceito empregado pelo senso comum como algo simplesmente dado. Exemplo:

> Quando olhamos um relógio, fazemos um uso implícito da 'posição do sol', segundo a qual se faz o ajuste astronômico da medição oficial do tempo. No uso do instrumento relógio, manuseado discreta e diretamente, a natureza do mundo circundante também está à mão (IDEM p. 119).

Neste sentido, Benedito Nunes também trata da natureza descoberta pelo *Dasein* através da ocupação, e o faz da seguinte forma:

> No trato cotidiano, a Natureza é antes praticada do que conhecida, e conhecemo-la como uma espécie de manancial de forças, de agenciamentos, de influxos favoráveis ou desfavoráveis, que reduplicam a imagem de nossa ação. Mas a descrição heideggeriana, aprofundada depois quando se estende a experiência de espaço, cinge-se, nesse nível, aos traços da instrumentalidade, deixando de lado a fisiognomonia das coisas e os componentes mágicos da conduta de trato. A natureza praticada apresenta-se-nos, nesse nível, menos como um manancial de força do que como uma imensa oficina artesanal. (NUNES, p.92)

A partir deste referencial de modos de ser respectivos à obra temos toda uma teia remissiva de diferentes modos de se ocupar do *Dasein*, na qual descobrimos o que Heidegger chama de *natureza do mundo circundante*. Nela, temos a possibilidade de

descobrir cada ente intramundano evocado na obra produzida na ocupação. Porém, nesta descoberta dos entes intramundanos dentro do mundo circundante não temos uma concepção do fenômeno de mundo, visto que este está "pressuposto" em nossas colocações e interpretações feitas a partir dos entes intramundanos.

Entretanto, podemos utilizar nossas reflexões como ponto de partida para o entendimento do acontecimento do fenômeno de mundo, que pretendemos analisar em nossa pesquisa. Inicialmente, podemos afirmar que para Heidegger, não se pode pensar a relação sujeito-objeto como quer a tradição cartesiana. Ou seja, para o filósofo alemão, não há um sujeito que acessa o mundo através do conhecimento. Isso não é possível, uma vez que, não só mundo e *Dasein* ocorrem juntos, como mundo "aparece" para o *Dasein* através da ocupação deste com os entes que lhe vêm ao encontro (de forma prática) e não a partir de uma relação teórica com o mundo. Neste sentido, podemos afirmar junto com Stein, quando este se refere ao novo paradigma colocado por "Ser e tempo":

> em lugar da teoria pura da tradição, introduz-se a descoberta da idéia da compreensão do ser-no-mundo, já sempre jogado no mundo e historicamente determinado; em lugar do ideal do pensamento puro da teoria tradicional, a idéia de uma práxis que antecipa toda uma divisão entre teoria e práxis e faz do conhecimento um modo derivado da constituição ontológica do ser-aí *(Dasein)*; enfim, o nó górdio da teoria tradicional do conhecimento é cortado com a eliminação da idéia de uma justificação ontológica possível.(STEIN, p. 28)

Assim, começamos a entender que, para Heidegger, mundo não é algo dado que se opõe ao *Dasein*, mas sim um fenômeno constitutivo do ser deste ente. Fenômeno que ocorre a partir do ocupar-se do *Dasein* junto aos entes que lhe vem ao encontro. Ou seja, mundo se estrutura a partir do projetar-se do *Dasein* numa ocupação que descobre o manual em seu todo instrumental, abrindo uma perspectiva na qual mundo pode ser visualizado.

**Referências Bibliográficas:**

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. 4ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
STEIN, E. *Seis estudos sobre "Ser e Tempo"*. Petrópolis: Vozes, 1988.
NUNES, B. *Passagem para o poético: filosofia e poesia de Heidegger*. São Paulo: Ática, 1986.